



## CONSTRUINDO MASCULINIDADES: ESTUDO DAS PERCEPÇÕES EM IDOSOS DO DISTRITO DO PORTO<sup>1</sup>

Paula Silva<sup>2</sup>  
Adelma Pimentel<sup>3</sup>  
Joana Carvalho<sup>4</sup>

### *Introdução*

Os estudos no âmbito das masculinidades cresceram a partir do final de 1980 em muitas áreas de investigação como saúde pública, educação ou criminologia, com a teorização das masculinidades a assumir importantes consequências a nível social (Connell, 2000). Em Portugal os estudos no domínio das masculinidades são ainda em reduzido número, destacando-se como pioneiro o trabalho do antropólogo Miguel Vale de Almeida publicado em 1996, *Senhores de Si*.

O tema das masculinidades pode ser definido como uma configuração organizada de prática relativamente à estrutura das relações de género (Connell e Messerschmidt, 2005) porque raparigas e rapazes, mulheres e homens estão activamente empenhados na construção das relações género e identidades de género, e não constituem passivos recetores de mensagens genéticas ou de expectativas da sociedade. Género é uma produção humana (Lorber, 1994), que emana das relações entre as pessoas, e isto tanto no processo da infância e adolescência como na idade adulta (Connell, 2008).

Masculinidade exige uma pluralidade de posicionamentos e não se deve confundir com homens ou com a condição de ser do sexo masculino, como nos alerta Ligia Amâncio “*Masculinidade e feminilidade constituem formas de pensar, dizer e fazer, socialmente construídas em diversos planos da vida em sociedade, incluindo o das relações entre homens, entre mulheres e entre homens e mulheres*” (Amâncio, 2004, p.10).

Ser um homem ou uma mulher não é, então, um estado adquirido. É um contínuo devir, é uma apropriação, é uma condição em construção activa ao longo da vida. E este devir segue diferentes caminhos, envolve tensões e ambiguidades e pode produzir resultados instáveis o que

---

<sup>1</sup> Estudo produzido pelo NIPI: Núcleo intercontinental de Pesquisas interdisciplinares. Grupo formado por pesquisadoras da UFPA-Brasil e FADEUP-Porto.

<sup>2</sup> Faculdade de Desportos da Universidade do Porto; CIFI2D – Portugal

<sup>3</sup> Faculdade e Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Pará – Brasil

<sup>4</sup> Faculdade de Desportos da Universidade do Porto; CIAFEL – Portugal



corroborar a ideia de que gênero apresenta-se como um padrão fluído, complexo e incerto (Connell, 2002).

Quando pretendemos analisar os requisitos culturais necessários para que um indivíduo do sexo masculino seja considerado homem o corpo emerge como um dos protagonistas, porque é um significante simbólico de como nos assumimos genderizados (Bramham 2003; Louro 2004; Shilling 2003; Swain 2003; Vale-Almeida 2004). E o corpo de cada, singular e próprio, para além da sua vivência somática e de ser sujeito a saberes organizados e normativos, é também um espaço de subjectividade onde o percebido se constitui em sentido. E é este valor particular do corpo, para além do comum e da taxinomia, que viabiliza a produção de mudanças (Leal, 1990).

A masculinidade não decorre de uma dádiva ontológica mas passa a existir a partir dos atos das pessoas, e, para além de ter que ser entendida como um processo social, envolve práticas que se referem ao corpo e ao que o corpo faz (Connell, 2000). Com efeito, é passível de ler no corpo as regras, as normas, os valores de uma sociedade porque é ele o meio de contacto primário com o que o cerca (Daolio, 1995). E o corpo transforma-se, modifica-se e envelhece.

A crença que os problemas do envelhecimento são mais do âmbito biológico e fisiológico do que do social e comportamental e, portanto, só poderão ser resolvidos pela medicina parece ainda muito presente nesta década, a biomedicalização do envelhecimento no dizer de Patricia Vertinsky (1991).

O envelhecimento é um processo singular, pessoal que convoca uma diversidade de factores, enredados em relações difíceis de apartar, uns mais objectivos e facilmente identificáveis porque de ordem biológica, outros subjectivos e que subjazem às percepções e vivências da velhice fortemente decorrentes dos problemas socioculturais e económicos presentes. E, como Beauvoir refere, é no movimento indefinido desta circularidade que se deve apreender a velhice.

A sociedade sempre tende a apreciar e avaliar a velhice e a pessoa idosa a partir da sua exterioridade, receitando limitações, privações e expectativas que, como normas e papéis sociais são facilmente incorporadas, como legitimando a posição social imposta a esta fase da vida. A pessoa idosa, quando objecto de estudo, tende a ser descrita por outrém e não por si, coartando a possibilidade de sabermos como o/a idoso/a interioriza a velhice e a ela reage. E isto numa sociedade que, por um lado, diviniza a juventude e a tenta prolongar através, entre outros, de investimentos no corpo (regidos pelas normas do antipeso e do antienvelhecimento); e, por outro lado, afasta e desvaloriza o papel do/a idoso/a rementendo-lhe um conjunto de estereótipos que o discriminam (idadismo).



*Yet even the well-to-do old people suffer from their uselessness. The paradox of our time is that the aged enjoy better health than they used to and that they remain "young" longer: this makes their idleness all the harder for them to bear. All gerontologists agree that living the last twenty years of one's life in a state of physical fitness but without any useful activity is psychologically and sociologically impossible* (Beauvoir, 1996: 272).

A diminuição da funcionalidade, da mobilidade, da autonomia associada a alterações físicas e fisiológicas caracterizam o envelhecimento descrito como um conjunto de processos intrínsecos a todos os seres vivos e caracterizado pela irreversibilidade (Spirduso et al., 2005). E é pelo corpo, pela constatação de um certo declínio da sua dimensão física que, eventualmente, o envelhecimento primeiro se revela afectando a funcionalidade e com repercussões na significação social de si.

Por sua vez, à masculinidade dominante associa-se a força, o poder físico e motor, a virilidade, está implícito o ‘fazer’, o desempenho superior de habilidades corporais. Para os idosos em particular, esta percepção de declínio das suas capacidades físicas e motoras poderá ser problemática (Calasanti e Slevin, 2001). Os ditames comportamentais e sociais identificáveis à masculinidade hegemónica parecem impor um custo sobre os corpos dos homens à medida que envelhecem (Calasanti, 2004).

A interseção da velhice e das questões de género é, ainda, pouco frequente na investigação, como no tópico das masculinidades - “few studies examine old men *as men* or attend to masculinity as a research topic” (Calasanti e King, 2005: 4).

Este estudo objectivou conhecer as percepções de idosos acerca do que é ‘ser homem’ e dos factores influentes neste processo, de forma a contribuir para o entendimento da construção das masculinidades e da sua negociação na velhice.

### *Metodologia*

Este estudo enquadra-se num projecto de investigação financiado que pretende analisar as percepções corporais e padrões de actividade física em idosos e os efeitos de um programa multicomponente de exercício físico na funcionalidade, saúde cardiovascular e fisicalidade. Ao estudar as percepções do corpo foi necessário explorar a forma como estes homens foram educados para a masculinidade e como a vivem no presente, porque a construção da masculinidade faz-se, também, pelo corpo que ao envelhecer exige um redimensionamento desta relação.



A amostra deste estudo é constituída por nove idosos entre os 66 e 75 anos de idade e que frequentam um programa multicomponente de exercício físico na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (Portugal).

Foram realizadas duas entrevistas semi-estruturadas a cada um dos idosos. O guião da primeira entrevista contemplava, entre outros temas, a percepção do corpo em diversas fases da vida, a identificação de momentos de boa relação com o corpo e de momentos em que esta relação não seria tão boa, e de perda ou manutenção da funcionalidade do corpo. A segunda entrevista apresentava um guião que procurava que o entrevistado desenvolve-se o que é 'ser homem' e os aspectos indispensáveis na educação para ser homem, e a importância da sexualidade na masculinidade. Foi garantido o anonimato, pelo que todos os nomes apresentados são pseudónimos, e obtido o consentimento informado de todos os entrevistados.

Todas as entrevistas foram integralmente transcritas num registo informático para tratamento da informação pelo programa *QSRNVivo*. Foi realizada uma análise indutiva dos dados.

### *Apresentação e Discussão dos resultados*

#### *As renegociações no corpo envelhecido*

As referências dos entrevistados não renegam a percepção de um corpo envelhecido, mas mantendo um certo distanciamento de um corpo que aprisione, que impossibilite a independência que todos dizem usufruir e uma mobilidade e funcionalidade significativa para a qualidade do viver no cotidiano.

Porque me sinto envelhecido, sinto-me...não é um caco ainda, mas um dia qualquer acontecerá. Até certo ponto, sinto-me no início da minha dependência em relação a terceiros, porque já preciso de chamar a minha mulher para me limpar as costas, me esfregar... ent2 refC9

Porque não sinto quaisquer restrições ou inibições com o corpo e com 75 anos. Quando penso (no meu corpo) é de passagem e não dá para pensar muito. ent4 refC4

Olhe, admiro-me. Aquilo que normalmente quero fazer, faço (respeitante ao corpo)... . Lido bem! (com envelhecimento do corpo) Durante muito tempo esqueci-me que tenho esta idade, porque dá-me a sensação que saltei dos 45 para os 75 sem passar pelos anos intermédios.ent3 refC2

Interessante verificar que são várias as referências à idade, e constatam-se frequentes dissonâncias entre a idade percebida e vivida e a idade cronológica.

Tenho as limitações que já não são as mesmas dos meus 20 ou 30 anos ou até 40. Já não é a mesma coisa porque...porque (reflecte) hoje já não se faz com tanta facilidade, embora se faça muita coisa, mas já não é o que era. Não pode ser! Isso é impossível. ent7 refC2

Considero-me sempre jovem (em referência ao corpo que vai envelhecendo). Ainda tenho um pai com 93 anos. Ainda tenho 30 anos à minha frente (risos). ent9 refC11



Está presente uma consciência de um corpo mais velho, mas que se afasta das ideias pré-feitas para esse corpo, e por isso faz esquecer os anos que ele tem, só trazidos à consciência esporadicamente.

A idade subjectiva é considerada como sendo um indicador mais fiável do bem-estar do que a idade cronológica (Bowling et al., 2005) e é neste espaço de subjectividade que o corpo ganha sentido e se afirma.

A relação com o corpo não é, para a quase totalidade dos entrevistados, problemática e emerge a sensação do alcance de uma certa harmonia. São fundamentalmente dois os factores que provocam desequilíbrio nesta relação: a doença e o ficar mais gordo. A doença, pela dor que provoca ou pelos condicionamentos e riscos que acarreta, é apontada como factor que desencadeia sentimentos de uma menor satisfação e de uma certa preocupação.

Não há nada que me desagrade (no corpo). A única coisa que me está a desagradar é a diabetes que, de vez em quando, tenho que andar a controlar, mas de resto está tudo bem. (...) Ah, preocupo-me, preocupo-me (com a barriga). Faço tudo para que isso não desenvolva muito. Procuro andar de bicicleta e puxar um bocadinho os músculos do abdómen. ent5 refC5/C9

Gostei sempre. Fui sempre uma pessoa com gosto pelo meu corpo. Inclusivamente, nunca fui magro de mais, mas fui sempre bem constituído. Gostei, gostei sempre de mim. (...) Vou vivendo sem olhar se estou muito bem. Só fico muito irritado se tenho dores. ent2 refC7/C11

Sinto-me bem. Felizmente! Não tenho nenhum problema de saúde. Fui sempre magro. Tenho muita...quer dizer, não tenho tendência para engordar. Sou capaz de emagrecer mais depressa do que para engordar. ent6 ref2

Esta busca de (re)equilíbrios parece exigir uma aceitação constantemente negociada mas que se pretende controlar

Eu não me sinto muito bem com o corpo, mas também não me sinto muito mal. É aquela média, sei lá como hei-de dizer...pronto, aceito conforme se quer e ele me aceita a mim (*risos*) se se pode fazer a divisão entre o corpo e a parte psíquica das pessoas. entr2 ref13.

A actividade física é entendida como uma forma de promover um controlo dos factores destabilizadores referidos

Eu comecei a engordar muito e pensei: “isto não pode ser, tenho que parar!” Comecei a fazer exercício físico, caminhadas. ent8 refC2

Já me olho ao espelho e já não me sinto aquele barrigudo que eu era, já me sinto (silêncio/reflecte)...não sei, já me sinto melhor, já gosto mais de me vestir. Já gosto mais...e eu não gostava. Não gostava de mim, não gostava de nada. ent4 refC11.

Já mudei um bocado e com a perspectiva de diminuição, andamos a medir (*risos*) o perímetro abdominal, diminui 1 centímetro ent2 refAC6).

É sempre bom estar em forma. Começa a ferrugem a pegar no corpo e é pior, não é? Ajuda também a gente a movimentar-se. Eu gosto sempre de fazer qualquer preparação física para manter o corpo em forma porque se a pessoa não fizer nada, vai-se dando mais à melancolia e assim, está-se mais activo, mais... ent5 refC1.

O corpo pretende-se ‘saudável’, não gordo e activo e a actividade física surge como uma estratégia para recuperar essas características; o exercício e a actividade física surgem como coadjuvantes fundamentais no processo de envelhecimento (Carvalho, 2010). Com efeito, a



actividade física regular influencia a perda de peso e mesmo a distribuição do tecido adiposo (Bouchard et al., 1993), pelo que apresenta um grande potencial para ajudar o idoso a evitar o sobrepeso e a obesidade (Dishman et al., 2004)

### *O ‘ser homem’*

“A identificação de uma pessoa como homem ou mulher mobiliza saberes e significados, socialmente construídos, que servem para interpretar a realidade e orientar as práticas sociais” (Amâncio, 2004: 21).

Os estereótipos de género estão presentes e são várias vezes convocados quando se pretende definir o que é ‘ser homem’, embora seja difícil para alguns dos entrevistados sistematizar o que está implícito a essa condição.

“Ser homem” é um bocado complicado. Há tantos factores que quando digo “ser homem”, nunca mais sairia daqui (ent1 refM2)

Olhe, eu diria que nunca pus essa questão em concreto de dizer o que é, o que é ser homem. Eu não considero só a masculinidade o facto de ser homem. Eu talvez começasse pela personalidade, pela maneira de estar. (ent2 refM1)

Ser homem é saber comportar-se com medida, com direitos, saber que há regras a cumprir, mas principalmente saber-se comportar em muitas coisas, no trabalho, já sabe que tem que trabalha. (...) Se for casado tem que olhar bem pela mulher. Se não for casado tem que ajudar os pais. (ent6 refM3)

Ser homem é ser um membro do agregado familiar, auxiliar a mulher no bom e no mau, auxiliar em casa e ajudar a criar os filhos. (ent7 refM1)

O papel determinante na família, como chefe de família, como bom marido e pai, embora dominante é por vezes questionado quando a referência é ao contexto actual, àquilo que é observado na sociedade contemporânea.

Antigamente havia uma ideia diferente do que é “ser homem” do que a que há hoje. Pelo menos a nível geral. Antigamente tinha-se a mania que o homem é que mandava, o homem é que decidia as coisas, o homem é que arranjava alimento para manter uma família. Se calhar, hoje as coisas estão um bocadinho...hum...digamos...diferentes. (ent2 refM1)

Outra associação recorrente é à superioridade física do homem, com particular relevo para a força que caracteriza o corpo dos homens e, ainda, os distingue do das mulheres. E, ao tentar justificar a diferença parecem faltar argumentos antes tão válidos.

O sexo é a parte fundamental. Depois, o ser mais forte, não é? O homem geralmente é mais forte. Às vezes, é ao contrário (risos), as mulheres são mais forte do que os homens. (forte no sentido) Físico. (ent5 refM2)

(homem) É um sexo diferente da mulher e no aspecto de homem, considero o sexo masculino mais forte, nem em todos os aspectos, mas que seja na realidade, mais forte. Faz outros trabalhos mais pesados que a mulher não consegue fazer. O resto...acho que está equilibrado. (mas quando diz que o homem é mais forte está-se a referir precisamente a quê?) À força. Um trabalho que precise de um bocado de força, eu acho que a mulher não deve estar metida aí. De resto, a mulher faz tudo o que o homem faz. (ent9 refM1).

Ora bem, ser masculino é ser diferente da mulher, primeiro pela parte da constituição física, o homem é diferente da mulher. Depois, o homem é um indivíduo que...sinceramente não lhe sei explicar porque não arranjo o termo. Ser homem é ser chefe de família, é ser chefe de família, mas agora, as mulheres também podem ser chefes de família. (ent1 refM3)



As questões da sexualidade são referidas pela maioria dos entrevistados no seguimento das suas explicações sobre a masculinidade. A sexualidade assume um papel de destaque, se não o principal, na masculinidade. Num momento da vida em que o corpo, por factores de idade ou de medicação, não parece responder prontamente neste âmbito, a resignação parece acontecer calmamente, com clara percepção da perda, ou da quase perda, mas não a perda da masculinidade, do ser e continuar a afirmar-se homem.

Para a masculinidade existir tem que haver realmente uma parte sexual a funcionar como deve de ser, (...) Pois, aí começou a derrocar, digamos assim, não digo total, mas muito acentuada naquela ideia que a gente tem de que basta ter o cheirinho da mulher e já está tudo funcionar. Então, não. (ent2 refCS5/S9)

A sexualidade é a forma de manifestar a masculinidade. Absolutamente. (BR refCS9)

Não, não tem nada (interferência no que pensa de si como homem). Tenho que me capacitar que...pronto, a minha folia, a minha força agora está...está em decadência, não é? De ano para ano será pior com certeza. (ent7 refCS1).

A pessoa está mais calma. Sabe que com os meus 25 anos...até aos 40 tudo bem, mas a partir de uma certa idade basta a medicação, porque eu tomo medicação (o que começou a sentir quando se deparou com essa situação?) Sinto-me bem! (responde com precisão) Sinto, sinto. Sinto-me bem. (...) Não é tão frequente como era antigamente, porque chega-se a uma certa idade, acalma, já não há aquela folia que havia, aquela força de vontade e tudo mais (ent8 refS2).

Parece que podemos afirmar que as conjunturas mudam ao longo da vida, e na velhice, ou quando esta se aproxima, as normas ditadas pela masculinidade hegemónica embora presentes e reafirmadas, são negociadas no sentido não da sua negação ou afastamento, mas da legitimação da sua não presença continuada. A idade e os cuidados que o corpo doente exige em termos de medicação, legitimam o afastamento de comportamentos afirmativos da masculinidade pela sexualidade.

Este estudo sugere uma importância significativa do corpo e da sexualidade em todo o processo de construção do 'ser homem'. O corpo, reconhecidamente menos capaz, preocupa-se em prevenir doenças e o aumento do peso, e para isso recorre à prática de actividades físicas. As percepções de masculinidade remetem para uma visão hegemónica, de papel na família e deveres do ser mais forte fisicamente, e em que a sexualidade ocupa um lugar de destaque. A intrincada relação corpo masculinidade e sexualidade está bem presente nos resultados, mas com sinais de novos posicionamento que enaltecem o corpo e reafirmam a masculinidade e se assumem compreensivos com a sexualidade.

A velhice é uma fase da nossa vida e, como todas as outras fases, tem um rosto próprio, uma atmosfera e uma temperatura próprias, as suas alegrias e as suas tristezas.

Herman Hesse (2002:63) *Elogio da Velhice*

Estudo no âmbito do Projecto financiado pela FCT (PTDC/DES/102094/2008 (FCOMP-01-0124-FEDER-009587)



## Bibliografia

- AMÂNCIO, L. O fim do sujeito universal - masculinidades nos estudos de gênero. In *Masculinidades/Feminilidades*, Lisboa, Encontros da Arrábida, 2004.
- BEAUVOIR, S. *The Coming of Age*. New York: W W Norton & Company, 1996.
- BOWLING A., SEE-TAI, S., EBRAHIM S., GABRIEL Z., AND SOLANKI, P. Attributes of age identity. *Ageing & Society*, (2005), 25,4, 479-500.
- BOUCHARD, C., SHEPHARD, R., & STEPHENS, T.. *Physical activity, fitness and health: International proceedings and consensus statement*. (1993), Champaign, Illinois: Human Kinetics Publishers.
- BRAMHAM, P.. Boys, Masculinities and PE. *Sport, Education and Society*, (2003), 8, no. 1: 57-71.
- CALASANTI, T.. Feminist Gerontology and old men. *Journal of Gerontology*, (2004), 59B, 6, 305-314.
- CALASANTI, T., KING, N.. Firming the floppy penis: Age, Class, and Gender Relations in the Lives of Old Men. *Men and Masculinities*, (2005), 8, 1, 3-23.
- CALASANTI T., SLEVIN, K.. *Gender, Social Inequalities, and Aging*. 2001, Altamira, Walnut Creek, California.
- CARVALHO, J. Envelhecimento Activo: recomendações para a prática de exercício físico In *Desporto e Educação Física em Português*. Jorge Olímpio Bento, Go Tani, António Prista (Eds.). 2010, Edições FADEUP. pp. 294-307
- CARVALHO, J.; MARQUES E. SOARES, J.M.C; MOTA J. “Isokinetic strength benefits after 24 weeks of multicomponent exercise training and a combined exercise training in older adults” *Aging Clinical and Experimental Research*. (2009), 22: 63-69
- CONNELL, R.. *The Men and the Boys*. 2000, Sidney: Allen & Unwin.
- CONNELL, R.. *Gender*. 2002, Cambridge: Polity Press.
- CONNELL, R.. Masculinity construction and sports in boys’ education: a framework for thinking about the issue. *Sport, Education and Society*, (2008), 13, no. 2: 131-145.
- CONNELL, R. AND MESSERSCHMIDT, J.. Hegemonic Masculinity. Rethinking the concept. *Gender & Society*, (2005), 19, no. 6: 829-859.
- DAOLIO, J. *Da cultura do corpo*. (Coleção Corpo e Motricidade). 1995, Papirus, Campinas-SP.
- DISHMAN, R., WASHBURN, R., & SCOELLER, D.. Measurement of physical activity. *Quest*, (2001), 53, 295-309.
- HESSE, H.. *Elogio da velhice*. 2002, Difel, Lisboa.
- LEAL, I.. O Corpo como Texto e como Discurso. *Análise Psicológica*, (1990), 3, 307-310.



LORBER, J.. *Paradoxes of Gender*. (1994), New Haven and London: Yale University Press.

LOURO, G.. *Um corpo estranho. Ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. (2004) Belo Horizonte: Autêntica.

SPIRDUSO, W; FRANCIS, K. & MACRAE, P.. *Physical Dimensions of Aging* (2nd ed.). (2005), Campaign, Illinois: Human Kinetics

SWAIN, J.. How young schoolboys become somebody: the role of the body in the construction of masculinity. *British Journal of Sociology of Education* (2003), 24, nº 3: 299-314.

VALE-ALMEIDA, M.. *O manifesto do corpo. manifesto* 2004, 5: 18-35.

VALE DE ALMEIDA, M.. *Senhores de si. Uma interpretação antropológica da masculinidade*. (1996), Lisboa: Edição Fim de Século.

VERTINSKY, P.. Old Age, Gender and Physical Activity: The Biomedicalization of Aging. *Journal of Sport History*, 1991, 18, 1, 64-80.